

JANINA SCHLESINGER¹

(Kraków, Polônia, 1924; S. Paulo, Brasil, 2018)



Janina Landau Schlesinger. S. Paulo, 2008.
Fotografia reproduzida do vídeo
Arqshoah/Leer-USP.

¹ Entrevista concedida por Janina Schlessinger a Rachel Mizrahi e Lilian Ferreira Souza, pesquisadoras do Arqshoah/Leer-USP. S. Paulo, 28 de outubro de 2013. Transcrição: Laís Rigatto Cardillo. Transcrição e pesquisa complementar: Tucci Carneiro.

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome é Janina Schlesinger, Landau de solteira. Nasci em Kraków (Polônia), em 7 de outubro de 1924, filha de Jacob Landau e Erna Stella Landau. Kraków – ou Cracóvia como dizemos em português – era (e ainda é) uma cidade muito linda, que não foi bombardeada durante a guerra por ser a sede do governo alemão. Antes da ocupação pela Alemanha nazista, a cidade de Kraków era um importante centro cultural com cerca de 70 mil judeus. Minha mãe, Erna Stella Landau, era filha única, pianista que, ao casar-se com Jacob Landau, abandonou a carreira profissional. Meus pais não eram religiosos, viviam bem na antiga cidade de Kraków, sendo uma família respeitada, com raízes no século XVI. Inclusive um dos meus ancestrais foi vice-prefeito de Kraków.



Kraków (Polônia), cidade natal de Janina Landau Schlesinger.
Google Maps.

A minha juventude foi muito boa. Apesar de ser filha única, não era muito paporcada porque meus pais achavam que eu deveria ser educada muito severamente, mas com muito amor. Eu estava frequentando o quarto ano de ginásio quando começou a guerra.

Janina Schlesinger

Minha família dedicava-se à importação de trigo da Rússia, mas as chuvas e a crise econômica de 1929 levaram a empresa à bancarrota. Foi quando meu pai se tornou procurador de uma estatal e conseguiu pagar todas as dívidas até 1939, ano em que a Alemanha ocupou a Polônia. A partir dessa data, os judeus poloneses perderam a sua liberdade de “ser” e de “estar no mundo”.



**KRAKOWSKA MIEJSKA KASA TARGOWA
w Krakowie.**

L. 1.

LEGITYMACJA

P. Landau
Jakub urodzony 1893 r.
prokurent
(charakter służbowy)

Kraków, dnia 15. X 1938.

Dyrektor: [Signature] Prezes Nadzoru: [Signature]
Wiceprez. m. Krakowa: [Signature]

UWAGA: legitymacja ważną jest do końca roku, w którym została wystawiona, następnie wymaga przedłużenia ważności na odwrotnej stronie.

Carteira de identidade de Jacob Landau, pai de Janina.
Kraków, 15 de outubro de 1938. Acervo: Schlesinger/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Jacob Landau, pai de Janina (ao centro). Kraków, s.d.
Fotógrafo não identificado. Acervo: Schlesinger/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

A Polônia sob a ocupação nazista^A



Entrada triunfal da Alemanha nazista durante a ocupação de Danzig, cidade localizada na faixa do território polonês que separava a Alemanha da Prússia Oriental. Danzig, 3 de setembro de 1939.

Fotógrafo não identificado. Disponível em:

<<https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/invasao-polonia-inicio-segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

A-A invasão da Polônia aconteceu oficialmente na madrugada de 1º de setembro de 1939, com os alemães mobilizando 1,5 milhão de soldados, apoiados por 3.600 blindados e 1.929 aviões de guerra. Além de penetrarem no território polonês, os alemães atacaram a cidade portuária de Danzig com o encorajado Schleswig-Holstein. O conflito, de imediato, atendia aos planos expansionistas da Alemanha interessada em construir o seu “espaço vital” (*lebensraum*). Mas servia também para propagar pelos territórios ocupados a política de exclusão e extermínio adotada pelo *Terceiro Reich* fundamentada em práticas antissemitas e eugenistas em prol da purificação da raça ariana. Esse ideário previa a conquista de um amplo território direcionado ao desenvolvimento do povo alemão às custas do domínio e do extermínio de outros povos, como os judeus e os ciganos. Tais ações exigiam a reformulação total do Exército alemão (contrariando o Tratado de Versalhes) com o objetivo de reaver os territórios que pertenciam à Alemanha até a Primeira Guerra Mundial e, sobretudo, o corredor polonês (faixa do território polonês que separava a Alemanha da Prússia Oriental e onde se localizava a cidade de Danzig). Na tentativa de impedir que isso acontecesse, a Polônia firmou uma aliança com os britânicos e franceses, mas sem resultados. Meses antes do início do conflito, a Alemanha e a União Soviética assinaram o Pacto Germano-Soviético que previa dez anos de paz entre as duas nações, a garantia de uma série de acordos comerciais importantes para a Alemanha e, secretamente, que Alemanha e União Soviética invadiriam e dividiriam entre si o território polonês. Sobre o tema, ver: HASTINGS, Max. *Inferno: o mundo em guerra 1939-1945*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012; BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2015.



Parada militar da SS e a polícia alemã diante do general Hans-Frank. Kraków, outubro de 1940. Fotografia: East News. Disponível em: <<https://culture.pl/en/article/how-krakow-made-it-unscathed-through-wwii>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

Assim que a Alemanha invadiu a Polônia, o governo polonês convocou todas as pessoas que eram da reserva. Meu pai foi logo convocado para o Exército, por ser tenente de reserva. Lembro-me de que pegamos um trem (minha mãe e eu) com meu pai porque ele ia se apresentar mais ao leste, pois do oeste estavam vindo os alemães. Ele desceu na metade do caminho onde tinha que se apresentar. Em seguida, não sei a data, meu pai foi preso como oficial com mais 20 judeus.

Passou todo o período da guerra em um campo de concentração na região da Bavária. Assim que foi detido, eu e minha mãe fugimos em direção às terras russas.

Fugir num trem significava ser bombardeado toda hora, um pesadelo. Seguimos na direção do leste e depois mais um pouquinho, mais um pouquinho. A gente, minha mãe e eu, ia aonde havia trens. Nós ficamos um pouquinho de tempo por lá, hoje não sei explicar, três ou quatro semanas, e fomos até a cidade de Lwów, onde achávamos que iríamos encontrar alguém conhecido. De fato, encontramos uma parte de nossa “quase” família, não exatamente família, pois, quando você foge de alguma coisa – sendo nós apenas uma senhora [minha mãe] com uma criança [Janina] –, tudo é família. Nós ficamos em Lwów, onde não havia possibilidade nenhuma de nos manter, morando com uma tia, cunhada da minha mãe, médica.

Resolvemos voltar para Kraków ocupada pelos alemães para tentar recuperar os nossos bens. Quando lá chegamos, vimos que o nosso apartamento, que ficava na parte boa da cidade, estava ocupado pelos alemães. Não podíamos entrar no apartamento e nem tirar mais nada de lá dentro. Lembro-me de ter visto que uma pequena bomba caiu assim sobre uma prateleira dessas com as nossas pratas e cristais. Uma vizinha conseguiu esconder alguns bens da nossa família: o piano, a cristaleira, os tapetes persas, mas sequer tínhamos para onde levar. Desalojadas, fomos morar por um tempo com a tia que era médica. Depois minha mãe disse assim: “Isso aqui não serve para mim, eu não tenho dinheiro para me manter”.

Foi quando mudamos para uma outra parte da cidade que era “mais ou menos”, distante do centro, chamada Podgórze, o bairro judeu de Kraków, do outro lado do rio [Vístula].²

Excluídos: do gueto para os campos de extermínio

Inicialmente, alugamos um quarto no apartamento de um advogado que era quase parente nosso, que não era bem parente, era irmão de um tio meu. Então, como já expliquei: “Numa situação dessa, tudo o que é parente é parente, cuida da gente”. Eu comecei trabalhar logo numa mercearia, e a minha mãe conseguiu emprego em um hospital de doenças contagiosas,



Judeus de Kraków sendo transferidos para o gueto instalado no distrito de Podgórze pelo governo nazista, 1941-1943. Kraków, 3 de março de 1941. Fotografia não identificado.

Disponível em: <<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://media.krakow.travel/photos/20886/xxl.jpg&imgrefurl=http://karnet.krakow.pl/en/17760-krakow-the-jewish-ghetto-in-krakow-1941-1943&ch=988&w=1600&tbnid=cVpwrul-ds2UBM&tbnh=176&tbnw=286&vet=1&docid=tBbZ7Eg56l7OnM>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

² Podgórze é um distrito de Kraków (Polônia), situado na margem direita (sul) do Rio Vístula, no sopé do Monte Lasota. Inicialmente um pequeno povoado, nos anos seguintes à Primeira Partição da Polônia, o desenvolvimento da cidade foi promovido pelo imperador austro-húngaro Joseph II, que em 1784 concedeu-lhe o *status* de cidade, como a Cidade Real Livre de Podgórze. Nos anos seguintes, foi uma unidade administrativa autônoma. Após a Terceira Partição da Polônia em 1795 e a tomada de toda a cidade pelo império, Podgórze perdeu o papel político de um subúrbio independente do outro lado do rio da Cidade Velha.

rendendo assim um pouco de dinheiro para pagar o aluguel do quarto e a nossa comida. Não dava para nada mais: a gente não tinha roupa, a gente não tinha nada porque tudo havia ficado no apartamento.

Os judeus poloneses foram levados para o gueto de Kraków, criado em março de 1941 – lá onde foi filmado o filme *A lista de Schindler*, anos depois^A. A partir dessa data, eu e minha mãe passamos a viver em um quarto menor dentro desse espaço controlado pelo Exército alemão. Minha mãe continuou trabalhando no hospital para doenças contagiosas até o momento em que fomos levadas para o campo de concentração de Płaszów (Polônia), onde passamos a integrar o grupo de adultos e jovens que iam para os trabalhos forçados. Lá ajudávamos a tirar neve das estradas, além de trabalharmos em uma fábrica de tabaco.^B

No caminho ao trabalho, eu costumava tirar a faixa de identificação que os judeus usavam no braço com uma estrela amarela para assim conseguir andar de bonde, transporte proibido aos judeus. Como eu era loira, conseguia passar como uma jovem polonesa. Depois de algum tempo, fomos transferidas para outro gueto, construído sobre o antigo cemitério judaico da cidade. Lá fui trabalhar em uma cooperativa de uniformes alemães até ser transferida para uma fábrica de papel onde os funcionários eram maltratados pela polícia judaica. Aos poucos, os judeus dos guetos começaram a ser transportados para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Eu e minha mãe estávamos entre os prisioneiros judeus.³

A-O gueto de Cracóvia, um dos cinco principais guetos instalados pelos nazistas na Polônia ocupada, foi estabelecido em 3 de março de 1941, no distrito de Podgórze, em vez do distrito judaico de Kazimierz. As famílias polonesas de Podgórze que foram desalojadas assumiram as antigas residências dos judeus expulsos. Enquanto isso, os 15 mil deportados foram comprimidos em uma área que abrigava anteriormente três mil pessoas, em um distrito composto de 30 ruas, 320 construções residenciais e 3.167 cômodos. Cada apartamento passou a abrigar quatro famílias, enquanto os menos afortunados passaram a viver nas ruas. O gueto foi cercado por muros, ficando isolado do restante da cidade.

B-A partir de 30 de maio de 1942, os nazistas implementaram, na região, deportações sistemáticas do gueto para os campos de concentração. Os judeus foram transportados como parte da Operação Reinhardt, liderada em Kraków pelo SS- *Oberführer* Julian Scherner. A partir da Praça Zgody, os judeus eram escoltados até a estação de trem em Prokocim. O primeiro transporte reuniu sete mil pessoas; o segundo, mais quatro mil judeus, transportados para o campo de extermínio de Belzec em 5 de junho de 1942. Em 13 e 14 de março de 1943, foi organizada a “liquidação” final do gueto sob o comando do SS- *Untersturmführer* Amon Göth. Oito mil judeus considerados aptos para o trabalho foram transportados para o campo de trabalhos forçados de Płaszów, cerca de 2 mil “inaptos” foram mortos nas ruas do gueto, e os remanescentes enviados para Auschwitz.

3 O campo de concentração de Auschwitz-Birkenau deve ser definido como um “complexo mundo do terror”, dadas as atrocidades ali cometidas

Vozes do Holocausto



Desembarque e seleção dos judeus na plataforma do campo de Auschwitz-Birkenau, maio de 1944. Fotografias: Ernst Hofmann e Bernhard Walter, guardas da SS. Acervo: Álbum de Auschwitz, Yad Vashem. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html>. Acesso em: 19 set. 2018.

Em Auschwitz, os nazistas tiraram o pouco que tínhamos, quase nada. Não cheguei a ser tatuada no braço, como acontecia aos judeus prisioneiros em Auschwitz, pois meu destino era a morte. Os barracos onde ficavam os prisioneiros eram horríveis e muito sujos, mas não tínhamos como limpar. Nesse campo, fiz amizade com uma pessoa que se tornou minha grande amiga. Lembro-me de que bordávamos florezinhas no chapéu branco que costumávamos usar.

Creio que permanecemos nesse campo durante uns 12 ou 15 dias, não posso dizer exatamente. Um certo dia, eles [as autoridades do campo] começaram levar a gente para “transporte”, passando antes pela seleção feita por um médico. Minha mãe foi levada para

pelos nazistas. No entanto, cerca de 193 fotografias desse campo foram feitas pelos guardas da SS Ernst Hofmann e Bernhard Walter em maio de 1944. Esse conjunto de imagens, documento único de registro durante o Holocausto, foi recuperado por acaso pela sobrevivente Lilly Jacob-Zelmanovic Meier. No Yad Vashem, esse “dossiê do terror” ficou conhecido como o *Álbum de Auschwitz*. Essas imagens nos dão uma ideia dos fatos aqui narrados por Janina Landau que ali estava com a mãe. Conseguimos visualizar como era o desembarque e a seleção de milhares de judeus e outros prisioneiros no campo de Auschwitz. Algumas fotos foram tiradas de cima do trem, mostrando um panorama da plataforma de chegada a Birkenau, que fazia parte do complexo de Auschwitz. Ao fundo é possível ver os crematórios II e III com suas chaminés.

o primeiro andar de um prediozinho onde ficou segregada para ir num transporte, e eu fui separada para morrer, porque tinha uma alergia. Eles [os nazistas] tinham medo que fosse alguma coisa muito ruim. Quando a minha mãe desceu e foi se trocar, ela percebeu que eu havia desaparecido.

O local onde eu estava com outras prisioneiras selecionadas para morrer nos fornos tinha duas portas e uma janela. Desesperada, pulei pela janela do primeiro andar – meu anjo estava bem nesse dia, e eu não me machuquei – e, em seguida, entrei por uma outra porta que deu na sala onde estava a minha mãe. Foi aí que percebi que estava nua porque eles tiravam toda a roupa da gente para verificar se não tínhamos nenhuma doença. Aí alguém me arrumou um casaco, e nós saímos. Quando entramos no ônibus, alguém perguntou para os guardas: “Vocês não vão marcar número da gente?”. Então, eles disseram: “Não, vocês vão logo morrer, não vale a pena a gente perder uma noite para marcar vocês”. Sobrevivemos!

Em dezembro de 1944, fomos transportados de trem para outro campo. Essa viagem demorou três dias e três noites. Viajamos dentro de um vagão de ferro, sem comida, sem água e nem onde sentar, porque estava tudo assim [gesto com as mãos indicando que estava cheio]. Chegamos a um campo chamado Bergen-Belsen.⁴ Lá a situação era ainda mais trágica: não havia roupa para a gente, pois já estava ficando frio, e muito menos comida. Tudo foi muito ruim desde o começo, muito ruim! Numa certa hora, eles nos transferiram de um barraco para o outro, não sei por que, mas que diferença fazia?

Apesar das péssimas condições de Bergen-Belsen, consegui sobreviver à fome, às doenças, por esperteza e amizade: conseguia alimento adicional trabalhando na cozinha, como cascas

⁴ **O campo de concentração de Bergen-Belsen:** Situado no atual estado alemão da Baixa Saxônia, no distrito urbano de Celle. O local havia sido construído em 1940 para alojar prisioneiros de guerra, logo após a invasão da Bélgica, Holanda, Polônia e União Soviética. Em 1942, o lugar tornou-se um verdadeiro campo de concentração que, no ano seguinte, ficou sob o comando das SS. Em 1943 a área foi ampliada para o internamento de judeus, homossexuais e ciganos e, ao contrário dos demais campos, não possuía câmaras de gás. Milhares de pessoas morreram por causa da fome, da tortura, do tifo, da disenteria e da hipotermia. Em fevereiro de 1942, foram cavadas grandes valas para enterrar os mortos, cujos corpos foram encontrados pelas tropas britânicas no momento da libertação do campo, em 15 de maio de 1945. Todos os blocos destinados aos prisioneiros foram incendiados em 21 de maio de 1945, restando apenas os antigos alojamentos da SS que serviram para a brigada refugiados até 1953. Cerca de 70 mil pessoas morreram em Bergen-Belsen. Entre elas, estavam Anne Frank e a irmã Margot Frank que ali morreram em março de 1945. Em maio de 1945, o fotógrafo George Rodger registrou incríveis imagens do local, mostrando o mundo degradante de Bergen-Belsen. Pela primeira vez, o mundo fora da Europa pôde ver as imagens desse abismo, expressão dos crimes hediondos praticados pelos nazistas.



Flagrantes do dia da libertação de Bergen-Belsen, maio de 1945. Fotógrafo: George Rodger. Disponível em: <<http://hid0141.blogspot.com.br/2016/04/libertacao-de-bergen-belsen.html>>. Acesso em: 19 set. 2018.

de batata cruas, que levava escondidas no forro do meu casaco para conseguir alimentar a minha mãe. Com agulhas improvisadas com pedacinhos de madeira das camas, consegui fazer um cobertor, meias e luvas com fios de lã roubados, vendidos depois em troca de um pedaço de pão. Foi quando conheci Greta, irmã de Hugo Schlesinger, meu futuro marido, amiga da minha família desde Kraków. Naquele barracão, Greta, por falar alemão, trabalhava como secretária do “capo” e, assim, conseguia nos ajudar com um pouco mais de comida roubada.

A difícil vida em liberdade

A libertação do campo de Bergen-Belsen ocorreu em 15 de abril de 1945 e, a meu ver, foi uma coisa muito trágica. Quando fomos libertados pelos ingleses, todo campo estava doente, com tifo. Eles tinham horror de entrar...! Não estavam preparados para encontrar

gente viva. Quando já estavam dentro do campo, os soldados encontraram um depósito de pão, e, quando já iam começar a distribuir, alguém – um inglês que tinha um pouquinho mais de juízo, porque o resto não tinha – alertou: “Vamos experimentar este pão!”. Foi quando descobriram que o pão estava envenenado. Então, dentro desse campo não havia nada para comer. Foi quando apareceu um médico que tinha um transporte para a Suécia e que aceitou levar alguns doentes e tratar deles. Então, uma parte, inclusive a outra amiga minha, foi com esse transporte. Aí, esse médico olhou para minha mãe e disse “*It’s too late*” [“É muito tarde”]. Ora, isso a gente não fala na cara de ninguém, mesmo quando é muito tarde. Para mim ele disse: “Você não tem nada, está bem, não tem nada!”. Logo depois minha mãe morreu com apenas 45 anos.

Os britânicos começaram logo a esvaziar o campo de Bergen-Belsen que estava contaminado por tifo e piolhos. Eu e minha mãe permanecemos no local até 8 de maio sem presenciar a queima de todos os barracões que foram incendiados em 21 de maio de 1945. No local restaram apenas os antigos alojamentos dos SS que serviram para abrigar refugiados até 1953. Eu sobrevivi com apenas 27 quilos, como um cachorro bom, junto com mais alguns sobreviventes.

Fomos levados de ônibus para os campos de refugiados das cidades de Celle [Baixa Saxônia, distrito próximo de Hanover] e Diepholz, ambos na Alemanha [Germany DP Camp]. Pouco a pouco, com os meus 17 anos, consegui curar-me do tifo, mas sentia-me muito só. Ali fiz amizade com uma senhora que estava com duas filhas, de uma cidade bem pequena polonesa, e que me adotaram porque eu estava sozinha. A cidade era muito limpa e muito bonitinha, mas não tinha nada. Aí a gente começou a ficar esperta: pegamos alguns armários que estavam lá, tombamos ao contrário e fizemos camas, mas era cama sem colchão; é claro que isso nem precisa falar. No segundo dia em que eu estava lá, apareceu a Greta. Logo perguntei: “O que você está fazendo aqui?”. Ela disse assim: “Eu estou aqui outra vez como tradutora”. Ela falava muito bem o inglês. Em seguida, Greta ofereceu: “Vem todo dia a tal hora no meu quarto que vou te dar um prato de sopa”. Bom, isso já era muito bom, muito bom!!! Aí, um dia, ela me disse: “Sabe uma coisa, estão distribuindo roupa, você não tem roupa!”. Eu estava sempre com aquele casaco único que nós salvamos do banho e já dava para jogar fora. Foi quando ganhei uma calça e uma camisa de homem,

já era uma coisa melhor que nada; com isso se passaram uns tempinhos... Não posso hoje dizer quanto, mas não foi mais do que um mês e meio, talvez seis semanas, por aí...!

Foi quando apareceu no campo de Celle um rabino inglês, mas acho que ele não vive mais, dizendo que ia levar a gente para a Palestina. Ora, se havia um lugar para onde eu nunca pensei em ir era a Palestina. Achei muito melhor ficar naquele lugar onde não havia nada, pouca comida, além dessa que a Greta me dava. Não havia nada...! O tempo depois da guerra foi um tempo muito difícil, pelo menos para mim, porque você não tinha nenhuma perspectiva de fazer coisa alguma coisa na vida. Eu não queria voltar para a Polônia porque a Polônia era comunista e também porque a gente já quebrou todos os laços. Resolvi então que iria para a Palestina, tanto faz...!

O rabino pegou um ou dois caminhões, hoje não posso dizer, mas acho que eram dois caminhões porque entraram ali cerca de 90 pessoas. Ele nos levou 80 quilômetros mais para o sul, a uma cidade que se chamava Diepholz, e nos largou na frente de barracões. Esses barracões eram estábulos de onde cavalos provavelmente saíram cinco minutos antes, então vocês podem imaginar: tinha tudo do cavalo, tinha sujeira dele. E tinha água, era a única coisa para limpar, mas faltavam vassoura e outras coisas. Foi aí que descobrimos que havia um quarto onde moravam os cavaleiros, onde se trocavam. Também não havia nada lá, mas era mais limpo. Então nós quatro ficamos num desses quartos.

Essa situação depois da guerra era talvez pior do que a guerra, porque na guerra nós temos a esperança, mas agora não. O rabino sumiu e, naturalmente, nos deixou lá. Passou uma hora e meia, duas horas... Foi quando apareceu um grupo de jovens poloneses que haviam ficado prisioneiros dos russos. Alguns rapazes e moças foram trabalhar nas fazendas. Esse trabalho era “meio escravo” mesmo. Não era escravo, pois eles podiam domingo ir à igreja, podiam comer o que queriam. Mas tinham horário para tratar das vacas e do pasto, e das coisas, sim. Foram esses que apareceram, uns quatro ou cinco. Nós nos assustamos muito, sabe, muito, muito, porque você não sabe o que espera de gente estranha. Aí um deles disse assim: “De onde vocês vieram, de Celle? Vocês não podem ficar assim, sem cama, sem travesseiro!”. Nosso quartinho era muito pequenininho.

Passaram umas duas a três horas, e eles apareceram com camas, cobertores, travesseiros e arrumaram tudo para nós, direitinho. Então falaram:

– Vocês precisam de mais alguma coisa? Comida nós não temos?

– Mas de onde vocês tiraram essas coisas? – perguntou uma de nós.

– Ahhh, tinha ali no depósito dos alemães... nós quebramos a porta, entramos e trouxemos coisas para vocês.

Soubemos que eles eram deslocados de guerra. Isso melhorou um pouquinho a nossa situação, pelo menos a gente estava numa cama. Passaram-se alguns dias, eu estava sentada na frente do campo (que não era campo fechado), quando vi um carro do Exército polonês, pois eles têm um símbolo diferente. De lá saiu um senhor, que foi logo perguntando:

– De onde você é?

– De Kraków! – respondi.

– Eu também...! Meu nome é Liebeskind[?]. Você por acaso conheceu a minha esposa?

Respondi que não. Então ele disse assim:

– Olha, eu tenho muito dó de você! Diga-me: o que você precisa para melhorar um pouquinho a tua vida enquanto espera aquele rabino aparecer de novo?

Eu disse que precisava de uma escova de dentes. Acho que aquele homem pensou que eu estava maluca, pois estava ali morrendo de fome, sem futuro nenhum, e peço uma escova de dentes? Ele prometeu trazer no dia seguinte. Veio no dia seguinte com uma escova de dentes e um pedaço de pão branco, branco! Pão branco... eu não via um pão branco havia seis anos. Esse pedaço de pão eu levei para as minhas amigas e nós dividimos. Ele prometeu voltar no dia seguinte dizendo que queria falar comigo. “Está bom...!” – respondi. Eu estava vestida com calça e camisa de homem porque não tinha outra roupa. Ele veio no dia seguinte e disse assim:

– Nós, oficiais – ele era sargento –, nós comemos numa cantina onde trabalham duas moças polonesas que saíram daquelas fazendas, estão livres e trabalham para nós, eu queria que você fosse comigo porque elas querem te conhecer.

Ele fez uma coisa que não poderia fazer: colocou-me dentro do carro dele e me levou. Ele não poderia fazer isso, pois, se fosse pego, teria muitos problemas. Quando nós chegamos àquela cantina, as moças olharam para mim e começaram a chorar. Elas eram muito

POLISH OFFICERS CAMP
Murnau

No 696
Murnau 4.XII. 194⁵ r

MOVEMENT ORDER

I state hereby that the bearer 2-nd. Lt. L A N D A U Jakob
of Polish Officers' Camp is (are) ~~proceeding on duty~~
(leave) by Wp. by govt. T.
on from M U R N A U
via to M U N I C H and back.

All Military Authorities are kindly requested to grant him (them) the necessary assistance in case of need.
Valid from 6.XII.1945.
to 6.II.1946.



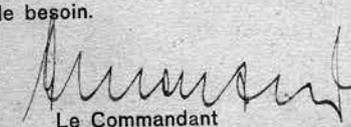
Commanding Officer
BINDORF-ANKOWICZ
Major General.

CAMP DES OFFICIERS POLONAIS
Murnau

No
Murnau, le 194 r.

ORDRE DE DÉPART

Je certifie que le porteur de la présente
officier du commandement du Camp des Officiers Polonais, se trouve en voyage de service (en permission)
Moyen de transport
le De
par á
at retour Toutes les Autorités Militaires sont
pries de lui (leur) donner aide et protection en cas de besoin.
Valable du
au



Le Commandant
du Camp Officiers Polonais

Ordem de libertação de Jacob Landau, pai de Janina Schlesinger, emitida pelo major-general Dindorf-Ankowicz do Polish Officers Camp. Murnau, 4 de dezembro de 1945.
Acervo: Schlesinger/SP; Arqshoah/Leer-USP.

espertas, muito espertas, maravilhosas. Elas tinham – em polonês se diz “juízo camponês – muito juízo! Deram-me um pedaço de pão e café com leite. Fiquei conversando com esse senhor e com elas. Depois de duas horas, uma delas apareceu com outro pedaço de pão e mais café com leite. Então, ela disse para mim: “Você sabe que não pode comer muito de uma vez, mas deve comer a cada duas horas alguma coisinha, está bom?”. Fiquei lá e conversamos muito. Depois, o senhor Liebeskind[?] me levou de volta para o campo e se despediu dizendo assim: “Quero que você venha amanhã para trabalhar para nós!”. Dei risada na cara dele. Não tinha condição de ir, pois até lá eram quatro ou cinco quilômetros. Ele respondeu: “Faz força!”.

No dia seguinte, levantei-me às cinco horas, percorri os cinco quilômetros, mas, ao longo do caminho, sentei-me, umas dez vezes, nos bancos que existiam no caminho. Mas cheguei... Cheguei lá, e elas me serviram um pedaço de pão com café com leite e falaram: “Nestes primeiros dias, você só vai comer isso!”. “Mas o que vou fazer aqui?” – perguntei. “Você vai lavar louça!”. Era apenas um faz de conta, pois elas lavavam louça, e eu ficava com um balde; se alguém aparecesse, eu estava lavando louça. Assim eu ficava descansando. Com o tempo, eu não levava mais cinco horas para chegar ao local, saía de manhã para a cidade. Depois elas começaram a me dar outra comida, um pedaço de ovo, um bolinho mais doce. Como digo: tudo isso fazia parte para salvar a minha vida...!

Um dia, estava arrumando a mesa daquela cantina quando entrou um oficial polonês: era meu pai, liberado em 1945 do Polish Officers Camp, de Murnau. Depois de muitos abraços, conversamos sobre as nossas vidas. Fiquei sabendo que, após a liberação, ele permaneceu na Alemanha em uma casa de repouso, do tipo *resort*, particular. E lá ele ficou, sempre protegido, porque era ex-prisioneiro de guerra. Contou-me que havia recebido uma carta de um deslocado de guerra [*Displaced Person* – DP] informando que eu estava em Celle. Foi para lá e encontrou Greta que lhe disse para ir até Diepholz, onde eu estava trabalhando naquela cantina.

Naquele momento, meu pai percebeu, embora não fosse médico, que eu estava muito doente. Precisava de um médico. Demoramos alguns dias para obter licença de ir com o caminhão do Exército para Murnau, pois apenas ele tinha direito, eu não. Assim mesmo ele conseguiu e chegamos a Murnau onde fiquei em um quarto com mais duas senhoras

muito finas, esposas dos oficiais poloneses. Fui consultar um médico, e ali aconteceu uma coisa muito engraçada: médico nós não pagávamos porque não tínhamos dinheiro, mas meu pai tinha cigarros, sabonetes e outras coisas. No consultório, havia uma mocinha que olhou para mim e perguntou: “Por que você está vestida assim em pleno verão?”. Respondi: “Não tenho outra roupa, só tenho esta!”.

O médico me examinou, examinou novamente e disse: “Você tem alguma coisa no coração”. Precisei fazer vários exames, quer dizer: tirou sangue e mandou voltar depois de uma semana. Voltamos para o campo de Diepholz, que era muito pertinho e depois retornamos ao médico que disse assim: “Você tem miocardite, uma inflamação no músculo do coração. Você está subnutrida, vou te dar um remédio”. Não sei de onde ele tirou o remédio. Em seguida, recomendou: “Fique seis semanas de cama”. Mas aí eu tinha todos os amigos do papai, todos... Todo mundo vinha, me paparicava... Depois, quando voltamos ao médico, recebi um pacote: “É para você! Foi a moça que deixou”, disse-me o médico. Vocês nem imaginam: naquele tempo na Alemanha, eu não tinha nada, e agora eu tinha um vestido, uma combinação, uma blusa. Eu achei tão bonito, mas quando voltei, umas duas ou três vezes ao médico, ela nunca estava, não queria que a gente agradecesse.

Bom, essas seis semanas se passaram em brancas nuvens, não lembro mais, muitas delas eu sei que me paparicavam até demais. Um dia esse médico disse assim: “Ela pode descer... tem apenas um andar”. Então meu pai e o amigo dele fizeram aquela cadeirinha, aqui não se faz, mas se faz muito na Polônia, desceram-me mais ou menos ao meio-dia quando todo mundo se juntava para escutar um rádio. Era em um gramado, bonitinho, em uma pracinha. E quando eles me desceram, aquele amigo ficou comigo e papai foi ao barraco dele, que ficava a dez metros dali, buscar uma cadeira. Nesse tempo, pelo canto do olho, vi que chegou um carro da Itália, e de lá saiu um rapaz com calça curta que ficou olhando assim. Veio direto na minha direção e perguntou: “Você é Ianka Landau?”. Respondi: “Sou eu” [risos]. Em seguida, ele me abraçou, me beijou...! Nesse mesmo instante, meu pai chegou com a cadeira...! Vocês precisavam ver isso, era para filmar, para filmar mesmo! Meu pai olhou para ele que foi logo dizendo:

– Tenente eu sou...!

– Eu sei quem você é, você é Hugo Schlesinger, filho de Simon e Betty Schlesinger!

Primeiro meu pai estava escandalizado, pois imaginem: ele me trouxe para o campo onde eu não conhecia ninguém e, de repente, vê alguém me beijando e abraçando. Foi uma cena hilária! Hugo nos contou que meses atrás estava procurando pela irmã dele, a Greta, quando entrou numa cantina para almoçar, para comer alguma coisinha...! Gozado, naquela época – que eu não atinei – percebi que ele era soldado raso, mas que tinha carro com motorista. Isso me deixou encafifada um pouquinho, mas não caiu a ficha. Ele foi, voltou uns três dias depois, mas não mais encontrou a Greta. Soube que Greta havia perdido um filho de 13 anos chamado Ricardo, que os alemães mataram. A outra filha, uma menina naquela época de uns 6 anos, ela conseguiu esconder com um guarda-florestal, com a promessa de devolvê-la se Greta sobrevivesse à guerra. Prometeu-lhe comprar uma fazenda. Eles eram muito ricos, não sei se é verdade, dizem que, no apartamento deles, havia uma parede falsa, na qual por trás havia ouro. Não sei se é verdade, pois nunca perguntei para ela, que nunca me contou. Não sei se é verdade. Sei que ela voltou à Polônia para buscar a menina que estava muito bem, um pouquinho judiada, mas muito bem.

Hugo voltou três dias mais tarde e disse para mim: “Você sabe que está na parte mais maravilhosa da Bavária? Aqui há lagos, estradas, campos, você quer sair um pouquinho para passear?”. Eu nunca tinha saído para passear. Então, pegou o carro e levou-me para o Stamberger See, que é um lago muito, muito lindo, muito conhecido. Ali nós sentamos em um banco e conversamos até o cair da noite. Em seguida voltamos. Passamos a trocar cartas sabendo que a Alemanha não tinha futuro: não havia roupa, escola, emprego, nada.

Interregno na Itália

Apaixonei-me por Hugo. Resolvemos ir juntos para a Itália, mas, para conseguir ficar em sua companhia, deveria apresentar-me como sua noiva. Meu pai não quis ir, mas conseguiu-me todos os papéis e eu fui. Naquela época, eu já tinha apenas um vestido e algumas peças de roupa, fiz um embrulhinho bonitinho, despedi-me de meu pai que não quis nos acompanhar. Ele ficou na Alemanha, trabalhando em num hotel do tipo *resort*, uma casa de repouso. Disse que estava muito velho, mas não era, pois tinha apenas 49 anos.

Achava que era muito velho para aprender outra língua e outra vida e tal... E lá ele ficou, sempre protegido por ser ex-prisioneiro de guerra.

Fui até uma cidade chamada Predápio, onde nasceu Mussolini. Ali havia um campo para DPs, mas implicaram comigo por ser polonesa. Não consegui ficar. Hugo já havia me dito em carta para procurar, em Porto St. George, o senhor Gursky (sobrenome tipicamente polonês), administrador da casa de repouso dos poloneses. Bom, guardei a carta e, assim que cheguei a Predápio, pedi ao chofer de caminhão que nos trouxe para me levar até Porto St. Jorge. Ao perceber que eu não era alemã, ele mandou que eu me escondesse debaixo do banco, e assim me levou até Porto St. Jorge, onde conheci o senhor Gursky, cujo verdadeiro sobrenome era Rosenberg. Se os alemães soubessem, certamente o matariam. Bem, o senhor Gursky me alugou um quarto com uma família italiana, enquanto Hugo estava em Roma. Após dois dias, recebi uma carta para procurar Hugo em uma casa de repouso, aonde fui com Rosenberg, que ficou do lado de fora. Ali estava um rapaz jovem, de 28 ou 30 anos, com um uniforme bonito, que disse assim: “Hugo é meu chefe!”. Assim, fiquei escondida e hospedada no San George. A partir desse momento, minha vida ficou ligada a ele. Em dia 14 de abril de 1945, casamos em uma sinagoga em Ancona, aberta pela primeira vez depois da guerra.

Na Itália, Hugo conseguiu um documento mencionando que ele era católico. Durante algum tempo, ali trabalhou como agricultor, mas sempre dizendo que não frequentava a missa porque não gostava do padre. Ele era ruivo e, como sabia aplicar injeções, passou a ser conhecido como “o médico vermelho”. Mesmo assim, teve muita dificuldade em esconder a sua origem judaica. Foi quando se apresentou como voluntário para ajudar oficiais do Exército inglês da África do Sul. O fato de falar alemão, polonês e italiano favoreceu o trânsito dele no Exército. Essa posição foi, aos poucos, se revelando importante, pois, apesar de ser um soldado raso, fazia parte da contraespionagem. Pouco a pouco, o Exército foi sendo desmobilizado.

Fomos para Firenze, onde consegui inscrever-me na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università degli Studi di Firenze. Assim, comecei uma nova vida ao lado de Hugo. Foi um longo caminho...

O longo caminho de Janina



Janina Schlesinger, c. 1945-1946.
Fotógrafo e local não identificados.
Acervo: Schlesinger/SP;
Arqshoah/Leer-USP.



Polônia: Kraków > gueto de Kraków > campo de concentração de Płaszów > campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau.
Alemanha: Campo de extermínio de Bergen-Belsen > DPs Diepholz > DPs Celle.
Itália: Ancona > Firenze.
Brasil: Santos > S. Paulo.
Google Maps.



Carteira de aluna de Janina Landau, na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università degli Studi di Firenze. Acervo: Schlesinger/SP; Arqshoah/Leer-USP.

O Brasil como opção

Um dia, entramos em uma cafeteria e conhecemos uns brasileiros, muito simpáticos. Encantados, achamos que o Brasil poderia ser uma solução para nós, um recomeço de vida. Hugo dirigiu-se ao consulado brasileiro vestindo seu uniforme e foi questionado pelo cônsul-geral, que lhe perguntou: “Você quer ir para o Brasil? E o que você é, químico?”. Talvez se ele tivesse dito que era jornalista, não seria bom...! Disse-lhe para retornar no final da semana para receber o visto, mas que não era possível conceder visto para mulheres! Foi quando procuramos um rapaz em Ancona (Kleinsiger) que era amigo da consulesa em Firenze. Assim, em 20 de setembro de 1946, conseguimos liberar o meu visto para o Brasil.

Desembarcamos no porto do Rio de Janeiro em 22 de dezembro de 1946, onde permanecemos uns cinco dias por conta da United Nations Relief and Rehabilitation Administration (Unrra). Em seguida, viemos para S. Paulo onde recomeçamos a vida em liberdade. Em março de 1947, fomos residir na Rua Edson nº 19 e saímos em busca de emprego. Hugo conseguiu uma vaga para trabalhar na fábrica Orquima, localizada no Brooklin Paulista, onde fazia estatísticas. Em abril, consegui um emprego como vendedora na famosa Livraria Kosmos, na Rua Marconi. Ali trabalhei um ano e meio com um dos sócios, Stefan Geyerhan, irmão de Norbert e Walter. Aprendi muito, muito!^A

Meu pai nunca quis vir para o Brasil, pois dizia que era muito velho para aprender outra língua e começar uma nova vida e tal. Mas eu fui visitá-lo em 1949, porque ele estava

A-A Livraria Kosmos foi fundada por Norbert Geyerhahn que havia emigrado para o Brasil em 1935. Em Viena, Norbert trabalhava como comerciante de café na empresa Hollindia AG, além de dedicar-se à literatura. Escreveu, entre outras coisas, o libreto para a opereta de Edmund Eysler *Die schlimme Paulette* (1931). Em 1935, emigrou para o Brasil onde fundou, com Erich Eichner, a Editora Livraria Kosmos, no Rio de Janeiro, com filiais em S. Paulo e Porto Alegre. Após a morte de Norbert Geyerhahn em 12 de setembro de 1943, o filho Walter Geyerhahn assumiu a livraria. Em 1945, Walter Geyerhahn e o irmão Stefan Geyerhahn, que emigrou para o Brasil em 1938, fundaram a Associação Brasileira de Livrários Antiquários (Abla), presidida por Walter até a sua morte em 1º de dezembro de 1991. Stefan Geyerhahn dirigia a filial da Livraria Kosmos em S. Paulo.

Janina Schlesinger

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: HUGO SCHLESINGER
Admissão em território nacional em caráter PERMANENTE (Art. 20, Reg. 7967 de 26-9-1945)
Nacionalidade: POLONESA
Data de nascimento: 3-5-1920 Estado civil: CASADO
Pai: SIMON SCHLESINGER Mãe: BETTY SCHLESINGER
Profissão: JORNALISTA
Registro Civil N.º: 1.134.204 Carteira N.º: 277.922 (Cap. 10-1-47)
Residência: RUA FLORENCIA DE AMOR Nº 455 -LII
Emprego: DESMPREGADO
Local: ...

22-1-47
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

Registro de estrangeiros de Hugo Schlesinger.
S. Paulo, 22 de janeiro de 1947. Acervo: Apesp/SP; Arqshoah/
Leer-USP.

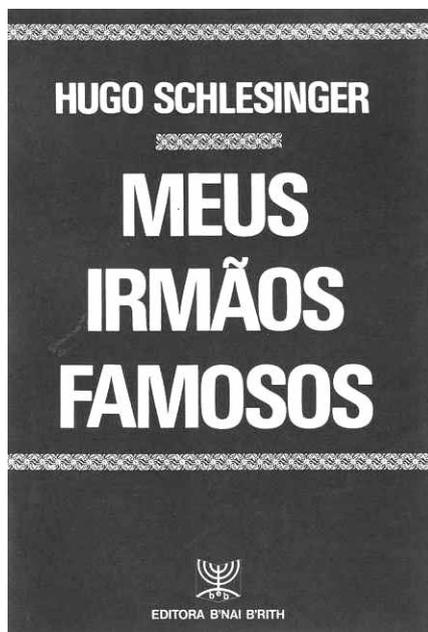
muito doente, com câncer no pulmão. Ele fumava muito, toda vida...! E naquela época não se sabia ao certo, mas hoje já se sabe que o fumo mata. Faleceu lá. Nessa época, eu já estava casada com Hugo, que havia ficado sozinho aqui em S. Paulo; e a gente também não tinha dinheiro suficiente para manter-me lá na Alemanha. A gente precisava comer!



Carteirinha em nome de Janina Landau Schlesinger, sócia do Centro de Estudos
Cinematográficos do Museu de Arte de S. Paulo (Masp). S. Paulo, s.d.
Acervo: Schlesinger/SP; Arqshoah/Leer-USP.

No Brasil, Hugo trabalhou como jornalista, escritor, cineasta e teatrólogo. Ele comprou participação na Sociedade Brasileira de Comédia que era o Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC. Como sócio, atuava como superintendente, mas não tinha dividendos, recebia alguma coisa, uns dois salários. Naquele espaço, ele fez mais dois teatros, um embaixo e outro em cima. Construiu também o Teatro das Nações na Avenida São João, tornando-

se muito amigo do casal de atores Nydia Licia Pincherle e Sérgio Cardoso.⁵



Meus irmãos famosos, um dos livros de Hugo Schlesinger. S. Paulo: B'nai B'rith, 1982.^A

Tivemos dois filhos, Ricardo Mario e Cláudio Rubert, e cinco netos, sendo um deles o rabino Michel Schlesinger. Quero lembrar aqui que Hugo desenvolveu um outro trabalho pioneiro ao participar do *Diálogo Inter-religioso Cristão-*

⁵ Hugo Schlesinger nasceu em Kraków (Polônia), em 1920, onde residia na Biala Krakowska e Biala Malopolska. Durante o período da guerra, ele viveu em terras da Rússia, Romênia, Hungria e Itália. Segundo a ficha que consta no Yad Vashem, o nome dele está na lista de refugiados da Polônia de 1939-1941 que encontraram refúgio em vários países. Seu número ID era 6538440. Enquanto esteve na Hungria, Hugo tentou chegar à Palestina, mas o navio congelou no mar, frustrando a viagem. Em S. Paulo, teve intensa participação na vida cultural da comunidade judaica, deixando um amplo legado. Todos os documentos sobre teatros do acervo de Hugo Schlesinger foram doados para o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, mas creio que ainda não foram estudados. Hugo manteve uma profunda amizade com a Profa. Anita Novinsky. Hugo faleceu em S. Paulo, em 14 de agosto de 1996. Está enterrado no cemitério do Butantã, setor L, quadra 260, sepultura 84. Como escritor da liberdade, da cultura e do judaísmo, deixou um importante legado para as culturas judaica e brasileira.

Frases de Hugo Schlesinger

“Só com respeito pode-se exigir respeito. É uma regra sem exceções.”

“A mentira é uma arma perigosa. Pode, facilmente, machucar aquele que a usa.”

“A vingança nunca solucionou problemas. Somente abre novas feridas e causa novas tristezas.”

“Se olharmos mais para cima e menos para baixo, a nossa vida parecerá mais azul e será mais fácil.”

“O maior fracasso é não acreditar em nossa própria capacidade.”

“Quem não sonha com os olhos abertos, não vê as belezas do universo.”

A-Livros de Hugo Schlesinger: *A música e o amor na vida de Chopin; Viver cada instante; Meus irmãos famosos; Os testemunhos dos justos; Pequeno ABC do pensamento judaico; O último papa; Por livre e espontânea vontade; Cada dia um novo dia; Os Evangelhos e os judeus; Nunca é tarde demais; Geografia industrial do Brasil; Alegria de viver; Pequeno vocabulário do judaísmo; Médicos judeus na história da medicina; Grandes vultos da humanidade; Pesquisa e análise de mercado; Aspectos psicológicos de venda; Judaica Brasiliensis 1838-1992; Por que sou judeu; Preparação profissional do vendedor; Enciclopédia da indústria brasileira; Mensagem de Pessach; Um diálogo sem preconceitos; Brasil sem cifras; O Brasil não pode parar; Presença e integração; Enciclopédia brasileira de administração e negócios*, entre outros títulos.

Janina Schlesinger

Judaico, por sugestão do nosso amigo Alfredo Hirschberg, editor da *Crônica Israelita* da Congregação Israelita Paulista (CIP). Ali ele foi presidente várias vezes e tornou-se amigo do padre Umberto com quem escreveu muitos livros. Hugo ocupou a cadeira nº 40 da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas. Deixou, aos meus cuidados, o manuscrito de um livro que não chegou a publicar que trata das crianças que escreviam durante a guerra. Creio que, dessa forma, com nossas vidas e memórias, deixamos uma mensagem para o futuro.^A



Janina e Hugo Schlesinger, s.l., s.d. Fotografia não identificado.
Acervo: Schlesinger/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A-Janina Schlesinger tem seu nome citado na lista dos judeus de Kraków, perseguidos pelos nazistas, sob o número 6253-6500, registrada em fevereiro de 1941 como “Laboratin” no *Card file of Jews in Krakow with German Identity Card* (“Kennkarte”) números 6253-6500, com detalhes pessoais e fotografias. Hoje, seu nome consta da lista da *Sfarit haPlatah* (Os Remanescentes), sendo uma sobrevivente presente em todas as cerimônias em rememoração às vítimas do Holocausto organizadas pela Congregação Israelita Paulista (CIP) na data de 27 de janeiro. Janina faleceu em 18 de abril de 2018 sem ter a oportunidade de ler as suas memórias gravadas neste e em outros tantos livros. Mas deixamos aqui registrada a sua lição de mulher corajosa e engajada nas comunidades brasileira e judaica.

Hugo e Janina Schlesinger

Hugo Schlesinger expunha em voz baixa os valores dos filmes que estavam me entregando para cuidar da promoção e divulgação do lançamento nos cinemas. Janina, mais agitada, cuidava da parte administrativa e financeira da empresa. Trazia tatuado no braço um número, cruel

invenção nazista para identificar os prisioneiros judeus dos campos de concentração e derrubar o seu moral e a sua autoestima. Eram judeus, como eu, e, após o fim da guerra, não encontraram ambiente para viver na Polônia. Emigraram para o Brasil onde recomeçaram a vida.

A distribuidora deles tinha problemas para lançar seus filmes, pois as grandes redes não arriscavam exhibir filmes de arte. Além disso, os cinemas da época, todos de rua, variavam de tamanho: de 500 a quatro mil lugares (República, Universo e Piratininga). Não havia casas pequenas para o pequeno número de cinéfilos interessados em suas produções.

Hugo resolveu então construir cinemas. Procurava terrenos pequenos no entorno da Cinelândia e construiu – não há registros – cerca de dez casas de espetáculos que fizeram a alegria da intelectualizada turma que gostava dos filmes que os exibidores chamavam de “filme cabeça”.

O avassalador avanço dos *shoppings*, dotados de cinemas do tipo estádio, começou a tornar obsoletos os cinemas de rua, que se transformaram em estacionamento, foram demolidos para construção de grandes torres residenciais ou comerciais e deram lugar a igrejas evangélicas.

Dos cinemas de Schlesinger, creio que sobram dois hoje, transformados em teatros, o Augusta e o Bijou. Hugo escrevia livros na Polônia, em polonês, e retornou à literatura, em português. No começo, escreveu livros sobre economia e negócios, com títulos como *Geografia industrial do Brasil* e *Pequeno dicionário do comércio exterior*. Depois – era um grande pensador – partiu para ensaios sobre religião, cristianismo, judaísmo, união fraterna entre as duas religiões e, em parceria com Janina, descrição dos preceitos judaicos de *Rosh Hashaná** e *Yom Kipur**. Escreveu mais de 20 livros, alguns em parceria com o padre Humberto Porto, capelão do Colégio Sion. É um dos fundadores, no Brasil, da Fraternidade Cristão-Judaica, instituição que nasceu na Europa logo após o fim de Segunda Guerra Mundial. Já existiam anteriormente, na Europa, iniciativas que tentavam aproximar cristãos e judeus, separados histórica e socialmente, desde o triunfo de Constantino na Roma dos anos 300.

Fundada em 1961, no Colégio Mackenzie, a instituição depois se estendeu ao Rio de Janeiro, com o rabino Henrique Lemle, o bispo Dom Castro Pinto, o pastor Anselmo Chaves e as irmãs de Sion. Grande frasista, Hugo Schlesinger deixou belos ensinamentos. Schlesinger não podia ficar imune ao cinema e, como diretor, realizou dois documentários versando sobre o esporte. Em 1971, juntou-se à euforia nacional pela conquista da Copa de 1970 e filmou *Parabéns aos gigantes da Copa*, e, em 1975, realizou *Esse maravilhoso mundo dos esportes*, focalizando várias modalidades esportivas.

Eram religiosos e frequentavam a Congregação Israelita Paulista (CIP), principalmente nos *Shabats* e nas grandes festas. Ele e Janina levavam o neto Michel, que desde cedo mostrou sua vocação religiosa. Michel Schlesinger se formou bacharel em Direito na Universidade de S. Paulo, mas não seguiu o caminho da lei dos homens, preferindo pregar a lei de Deus nas prédicas da sinagoga. Acompanhou o legado do avô no amor pelo judaísmo e pelas normas éticas e humanas de sua religião, além da fraternidade cristão-judaica. Como herança de seu avô, continua membro do International Council of Christian and Jews. Recebeu ordenação rabínica diante de um *Bet Din* (Tribunal Rabínico) em Jerusalém, tendo sido concedido a ele o título de mestrado em *Talmud e Halachá*. Hoje, Michel é rabino na CIP.

Testemunho de Mauricio Kus
S. Paulo, 20 de setembro de 2009